

Reflexões sobre o Fantástico em *Pedro Páramo* de Juan Rulfo¹

PEDROSO, Bernadet Korzun
Departamento de pós-graduação em Letras – UNIOESTE

Resumo: Este trabalho tem como objetivo verificar como se realiza esteticamente o elemento fantástico na obra *Pedro Páramo* de Juan Rulfo. A pesquisa encontra-se vinculada à Dissertação de Mestrado em curso e nesse primeiro momento busca-se refletir sobre as teorias que abordam sobre o Fantástico na vertente literária denominada por alguns estudiosos de Realismo Mágico. Neste exercício pretende-se, sobretudo, lançar um olhar à tradição como o tempo/lugar histórico de onde provém a produção narrativa latino-americana. A partir de um processo de recriação, os escritores latino-americanos literalizam o passado que permanece atual no elemento sobrenatural para explicar/problematizar os problemas sociais da modernidade.

Palavras-chave: Narrativa latino-americana; Juan Rulfo; fantástico.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo verificar como se realiza estéticamente el elemento fantástico en la obra *Pedro Páramo* de Juan Rulfo. La investigación se encuentra vinculada a la Disertación de Tesina en curso y en ese primer momento nos proponemos a reflejar sobre las teorías que abordan el Fantástico en una nueva vertiente literaria denominada por algunos estudiosos de Realismo Mágico. En este ejercicio se pretende, sobre todo, lanzar una mirada a la tradición como el tiempo/lugar histórico de donde proviene la producción narrativa latinoamericana. A partir de un proceso de recreación, los escritores latinoamericanos literalizan el pasado que permanece actual en el elemento sobrenatural para explicar/problematizar los problemas sociales de la modernidad.

Palabras clave: Narrativa latinoamericana; Juan Rulfo; fantástico.

¹ Este artigo faz parte de um estudo mais amplo que está sendo realizado no Programa de mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade, da Unioeste, sob a orientação da Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves.

INTRODUÇÃO

É corrente entre a crítica literária que os escritores da literatura contemporânea latino-americana tentam recriar e revelar sob um novo olhar o que a história oficial omitiu ou camuflou sob o efeito de correntes ideológicas ou influências de centros dominantes. Sobretudo, observa a crítica que os escritores realizam um trabalho de (des)leitura, articulando produções literárias, fenômenos culturais, sociais e históricos ocorridos no contexto latino. Pode-se dizer que há uma tentativa de rompimento e inversão com a hierarquia e a estética tradicional do texto, na medida em que buscam realizar uma produção literária intertextual, híbrida,² paródica e mesmo interdisciplinar. Grande parte dos escritores contemporâneos realiza uma viagem pelas mais diversas vias do conhecimento humano, comparando, questionando, analisando, parodiando para reorganizar e mostrar sob uma nova ótica o que já foi dito em um determinado momento social, político e histórico sobre a cultura, sobre os povos autóctones e sobre os documentos oficiais de fundação. Neste sentido, a literatura latino-americana conquista sua independência cultural exprimindo as particularidades do *Novo Mundo*, por meio de uma vertente literária – o realismo mágico – conferindo-lhe, ao mesmo tempo, uma dimensão universal.

Assim grandes nomes da literatura latino-americana como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar e Juan Rulfo têm seu trabalho literário reconhecido como original e consagrado como obra literária universal pelo fato de, em seu bojo, estarem arraigadas ações representativas da América Latina e palpitar experiências universais da humanidade sob uma escrita paródica.

Neste sentido, o presente texto tem como proposta refletir sobre o elemento fantástico na narrativa *Pedro Páramo* (1992), de Juan Rulfo, revelador da memória social mexicana, onde ressoam vozes de um passado não muito distante em que predominava o mando do coronelismo e, conseqüentemente, as dificuldades pelas quais passavam os habitantes da zona rural da região chamada Comala.

Juan Rulfo, sendo um dos maiores representantes do elemento fantástico na literatura latino-americana na obra *Pedro Páramo* faz peregrinação entre dois momentos históricos do México, representando-os em duas fases da vida da personagem protagonista: a infância, carregada de memórias de tempos difíceis, e a idade adulta, onde se desloca em

² Gruzinski emprega o termo “mestiçagem” para designar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos imaginários e formas de vida, advindos de quatro continentes, América, Europa, África e Ásia. O historiador emprega o termo “hibridação” na análise das misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico. Ao analisar o momento da conquista, Gruzinski relembra que a chegada dos europeus foi sinônimo de desordem e caos, e que sem esta noção em mente não é possível compreender a evolução da colonização e as misturas provocadas pela conquista. Surgiram o que o autor chama de “zonas estranhas” onde a improvisação venceu a norma e o costume, ou seja, os vínculos que ligaram os espanhóis e as populações ameríndias foram profundamente marcados por indeterminações, precariedades e improvisações. (GRUZINSKI, 2001: 73).

busca de explicações e respostas omitidas no passado. Ao fazer recuos no tempo, a partir da focalização narrativa o autor trabalha com o elemento fantástico. Por meio de imagens das “assombrações dos seus mortos”, o narrador/personagem fala de um lugar (meio rural do Sul de Jalisco – Comala), onde habitantes de tempos remotos aparecem para revelar não só as suas histórias, mas também as histórias que ouviram e os fatos que presenciaram.

Rulfo, nesta obra, vai construindo, por meio de histórias ou breves narrações interpoladas a imagem do retorno dos mortos que enche de mistério e dubiedades uma situação narrativa marcada pela expressão popular, porque diz respeito aos mexicanos e ao seu passado histórico, e, sobretudo, de forma metaforizada à América Latina.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM *PEDRO PÁRAMO*

Ao lançarmos um olhar mais apurado, sobre as produções literárias contemporâneas, veremos que de maneira criativa estas superam muitas vezes às clássicas sem se desvincularem delas. Em outras palavras, o que se fazia conhecer por meio da epopéia ou da tragédia, sendo os deuses os personagens principais que decidiam os destinos, no contexto atual, a voz popular dá subsídios aos grandes nomes da literatura através da sua cultura. Por meio dela a magia da superstição, das crendices, dos fantasmas, ou do sobrenatural, opera no imaginário do escritor, levando-o a recriar aspectos peculiares à cultura e à história de um povo. Vale observar que o termo “maravilhoso” está enraizado no universo da tradição literária desde os mitos, definindo um novo gênero literário na contemporaneidade. No entendimento de Bastos e Brunacci, quando se referem ao comparatismo contrastivo da literatura latino-americana,

Se prevalece a idéia de superação, o entendimento é de que um passo à frente foi dado como uma conquista das culturas populares, no sentido de garantir espaço à oralidade e à voz popular. Isso teria sido possível graças à superação do horizonte do realismo, dos paradigmas racionalistas burgueses, de cujo universo se excluíam, por ilógicas e míticas, as culturas orais. No novo universo, pelo contrário, o supra-racional e o mágico, definidores das culturas orais, seriam o espaço de afirmação da voz popular. (BASTOS & BRUNACCI, 2005: 118).

O espaço à cultura oral e, conseqüentemente, ao elemento fantástico, vem sendo desvelado na ficção latino-americana desde as primeiras décadas do século XX, com Jorge Luis Borges, Alejo Carpentier, Mario Vargas Llosa, Julio Cortazar, Juan Rulfo e outros que incorporam o mistério à nova narrativa, surgindo assim uma literatura representativa do realismo mágico, onde coexistem fantasia e realidade. Mario Vargas Llosa (2007) ao fazer a apresentação de uma das mais importantes obras de Gabriel Garcia Marques – *Cien Años de Soledad* – abre um parêntese para compor o imaginário, caráter totalizador na obra citada, em quatro planos: o mágico, o mítico-lendário, o milagroso e o fantástico, definindo de maneira breve suas diferenças para um melhor entendimento da obra pelo leitor.

Para Tzvetan Todorov, "a expressão 'literatura fantástica' refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário". (TODOROV, 2007: 07). Segundo o autor, o fantástico teve uma vida relativamente breve. "Ele apareceu de uma maneira sistemática por volta do fim do século XVIII, com Cazotte; um século mais tarde, é possível observá-lo nas novelas de Maupassant". (TODOROV, 2007: 175). Todorov estudou a literatura européia, com ênfase na francesa. Segundo o crítico, Edgar Poe apenas estaria "muito próximo dos autores do fantástico". Suas novelas se prenderiam quase todas ao estranho (sobrenatural explicado) e algumas, ao maravilhoso (sobrenatural aceito). *As Mil e uma Noites* se situariam numa das sub-divisões do maravilhoso – o hiperbólico. Teríamos, assim, o gênero fantástico e alguns sub-gêneros derivativos: o fantástico-estranho, o fantástico-maravilhoso, o estranho puro e o maravilhoso puro. Todorov não os denomina sub-gêneros, embora afirme: "o estranho não é um gênero bem delimitado, ao contrário do fantástico." (TODOROV, 2007: 53). Para o autor o maravilhoso seria, ainda, subdividido em hiperbólico, exótico, instrumental e científico. Além disso, o fantástico teria dois importantes gêneros vizinhos: a poesia e a alegoria.

A partir de obras como *Tirano Banderas*, de *Valle-Inclan*, seguindo-se *O Senhor Presidente*, de Astúrias, e depois as obras de García Márquez, Juan Rulfo, Scorza, Cortázar, Fuentes e outros, os críticos designaram essa nova tendência da literatura. Para uns o nome deveria ser "realismo fantástico"; para outros, "realismo mágico".

Para o crítico José Hildegrando Dacanal:

Há uma diferença básica a opor-se entre aquela literatura européia praticada em torno do elemento fantástico e a que hoje em dia se realiza entre nós: enquanto naquela o elemento irreal ou não-real apenas serve como ratificação do real como único dado existente, na literatura latino-americana, aí incluída a brasileira, a oposição fica totalmente afastada, de tal sorte que ambos os elementos convivem sem maiores problemas. (DACANAL, 1970: 85).

Na América Latina, essa vertente literária aborda importantes temas sociais, como a conquista e a colonização de países como o México que traz o elemento mítico como forte componente de sua formação. Para fins de ilustração podemos citar como exemplo os presságios do massacre do Império Asteca que se confirmaram com a chegada de Hernán Cortez ao México. Observa-se que o fantástico continua muito presente nas representações literárias contemporâneas pela herança consagrada do tradicional, como define Brunel. "Chamaremos mito a um conjunto narrativo consagrado pela tradição e que manifestou, pelo menos na origem, a irrupção do sagrado, ou do sobrenatural, no mundo". (BRUNEL, 1990: 115).

Alfredo Bosi (1992) apresenta vários exemplos de processos de conquista e exploração de novas terras, onde elementos da cultura nativa são condenados no que há de mais puro, que são as celebrações, as manifestações religiosas e a fé no sobrenatural, na tentativa de enfraquecer seus habitantes e deles obterem a obediência que necessitam para dominá-los e impor-lhes sua cultura.

Tudo quanto se condenava como inspiração diabólica na vida das comunidades tupis – o uso e a celebração tribal da comida e da bebida, da dança e do canto, da oração e do transe – reverte positivamente à Eucaristia como expressão de um culto de teor interpessoal que se vale do alimento para santificá-lo. (BOSI, 1992: 83).

Quando se trata de países hispano-americanos observa-se que a magia está impregnada na cultura e na história popular, herança dos povos pré-hispânicos: Astecas, Maias e Incas. Observa-se um grande contraste entre o tradicional, originário de tudo o que representa de mais simples, rústico e misterioso e o moderno, com suas imponentes edificações e tecnologia. No entanto, as histórias e os fatos se repetem e se entrelaçam com o sobrenatural e a literatura recria as aventuras humanas levando o leitor a envolver-se e a experimentar emoções fortes de dor, medo e pavor, frente a uma mescla entre deuses-homem-natureza. Para Calvino “a mescla deuses-homens-natureza implica não uma ordem hierárquica unívoca, mas um intrincado sistema de interações em que cada nível pode influir sobre os outros, mesmo que em medidas diferentes”. (CALVINO, 2005: 34).

O realismo mágico tem um profundo enraizamento cultural numa época e num espaço histórico. A ambigüidade recriada pelo autor de uma determinada narrativa faz com que o leitor ora esteja conectado a uma realidade habitual, ora mergulhe num mundo fantástico de magia e sonho. Em várias passagens de *Pedro Páramo* esta dualidade pode ser observada. Vejamos um exemplo.

Um cavalo passou a galope onde a rua principal cruza com o caminho que vai a Contla. Ninguém viu. Mas uma mulher que esperava nas proximidades do povoado contou que vira o cavalo correndo, com as pernas dobradas como se fosse cair de bruços. Reconheceu o alazão de Miguel Páramo. E até pensou: ‘Esse animal vai quebrar a cabeça.’ Depois viu que ele endireitava o corpo e, sem diminuir a correria, ficava com o pescoço esticado para trás como se viesse assustado com alguma coisa que deixara atrás de si. (RULFO, 1992: 28).

Esta capacidade de confundir o leitor, mergulhando-o em dois mundos totalmente diferentes ao mesmo tempo, o mundo da razão e o mundo da ilusão, faz do escritor, muitas vezes incorporado ao narrador, um mágico. A magia já começa pela arte. A arte de transpor para a escrita as sensações do personagem. Ou a arte de transformar em palavras aquilo que o homem comum vive ou sente e não se dá conta, não tem a capacidade da compreensão, por isso se confunde muitas vezes com o louco, ou não consegue exprimir em palavras, tal como explica Todorov. “O narrador guarda assim distancia em relação ao homem ‘normal’ e se aproxima da personagem: a certeza de que se trata de loucura cede lugar à dúvida, ao mesmo tempo”. (TODOROV, 2007: 45).

O fantástico, no entendimento de Todorov é diferente do estranho e do maravilhoso. Ele se dá no momento em que surge a dúvida se o que está acontecendo é real, faz parte da vida cotidiana, ou se pertence à fantasia, à imaginação ou à loucura. É o

que ele vai chamar de tempo de uma hesitação.

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma, contudo, uma decisão, opta por uma ou outra solução, saindo, desse modo, do fantástico. (TODOROV, 2007: 47-48).

O recurso da fragmentação da narrativa em planos imaginários aparece em *Pedro Páramo*, (1992), no momento em que o narrador/personagem tenta entender o que se passa na cabeça de Dona Eduvigés, personagem que vive de sonhos e lembranças do passado de Comala, e que insiste em dizer que ouve o galopar do cavalo de Miguel Páramo a caminho de Media Luna (povoado vizinho). Este recurso propicia a hesitação referida por Todorov com relação ao fantástico.

- Não estou entendendo. Nem ouvi barulho de cavalo nenhum.

- Não?

- Não.

[...]

- Então é coisa minha. Bem, como estava-lhe dizendo, isso de não ter voltado é modo de dizer. Mal seu cavalo acabava de passar quando ouvi que batiam na minha janela. Como é que eu vou saber se foi ilusão minha? O fato é que alguma coisa me obrigou a ir ver quem era. (RULFO, 1992: 23).

Interessante notar que a narrativa não leva apenas o leitor a hesitar frente ao que poderia ser sonho, imaginação ou realmente um ruído, mas também e, principalmente, a personagem que explicitamente demonstra incerteza diante do episódio, como bem explica Todorov sobre as condições para se definir o fantástico.

[...] é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; [...]. (TODOROV, 2007: 39).

Para apresentar as várias definições de fantástico segundo concepções canônicas, Todorov traz alguns exemplos, sendo que um deles faz referência à narrativa fantástica de “Le Manuscrit trouvé à Saragosse” de Jan Potocki a qual narra que “os habitantes do lugar afirmam que a região é assombrada por almas do outro mundo, dois bandidos recentemente enforcados”. (TODOROV, 2007: 33). Pode-se aqui fazer um paralelo com *Pedro Páramo*, onde notamos em vários momentos a presença de fantasmas

tentando uma comunicação com quem ainda sobrevive na desolada região de Comala.

- Justina! – disseram.

Ela virou a cabeça. Não viu ninguém, mas sentiu uma mão sobre o seu ombro e uma respiração nos seus ouvidos. A voz segregando: ‘Vá embora daqui, Justina. Arrume as suas coisas e vá embora. Não precisamos mais de você. (RULFO, 1992: 74).

Assim percebemos que é condição do gênero fantástico provocar perplexidade, hesitação ou espanto quando o sobrenatural invade as fronteiras do maravilhoso, gênero explorado por Alejo Carpentier (1954), ao pressupor a fé como premissa para sua existência. No relato que abre sua obra *El reino de este mundo*, Carpentier cita nomes como Marco Pólo, Lutero, Victor Hugo e Van Gogh que admitiam suas crenças e fé diante do inexplicável. A temática do maravilhoso é a própria inspiração do escritor ao relatar sua permanência no Haiti em 1943, e que diz não ser o maravilhoso privilégio apenas deste país.

Pero pensaba, además, que esa presencia y vigencia de lo real maravilloso no era privilegio único de Haití, sino patrimonio de la América entera [...] Lo real maravilloso se encuentra a cada paso en las vidas de hombres que inscribieron fechas en la historia del Continente [...] ³ (CARPENTIER, 1954: 9).

A presença da fé nos rituais folclóricos e religiosos, assim como a força da magia e do encanto nas culturas tradicionais, é ainda muito evidente nas mais diversas sociedades modernas, mas parece ser muito mais intensa nas sociedades latino-americanas, como bem exprime Carpentier e como podemos verificar nas artes de maneira geral, em particular na literatura e aqui ilustrada no fragmento de *Pedro Páramo*. “Os índios desarmaram suas bancas ao escurecer. Saíram na chuva com os seus pesados terços nas costas; passaram pela igreja pra rezar à Virgem, deixando um molho de tomilho como esmola”. (RULFO, 1992: 74).

O componente mítico, a cultura da superstição e da fé, está na base da formação dos povos latino-americanos, e o elemento fantástico é condição essencial ao escritor nesse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ Além disso, pensava que essa presença e vigência do real maravilhoso não era privilégio apenas do Haiti, mas sim patrimônio da América como um todo. O real maravilhoso está em cada passo da vida de homens que inscreveram datas na história do Continente.

A valorização de aspectos da cultura oral, da tradição e da história é recorrente em muitos autores na ficção latino-americana, que a partir do recurso do fantástico, incorporam o mistério à nova narrativa, surgindo assim uma literatura representativa do realismo mágico, onde coexistem dubiamente fantasia e realidade.

Verifica-se, que os protagonistas da narrativa *Pedro Páramo* se dedicam a recordar ou revelar um passado sob uma perspectiva ambígua, sendo que a rotina da vida quotidiana se mistura ao misterioso mundo fantástico, levando o leitor a hesitar frente a uma situação em que paira a dúvida se o que está acontecendo é real ou é obra da imaginação.

Assim sendo buscou-se verificar que, a partir de um processo de recriação, Juan Rulfo, um dos maiores representantes da narrativa latino-americana, literaliza o passado que permanece atual a partir de elementos do sobrenatural e do fantástico a fim de problematizar na contemporaneidade, fatos históricos do passado. Seus textos trazem uma linguagem próxima dos falares do campo, talvez considerando sua trajetória e se apropriando das vozes trazidas na memória de uma infância desolada na estéril e violenta região de Comala. Os procedimentos mais violentos de aniquilamento das minorias étnicas, a exclusão da maioria dos povos latino-americanos dos processos de decisão sobre seus próprios destinos e a negação de uma cultura autóctone são emblemáticos em sua obra.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASTOS Hermenegildo & BRUNACCI Isabel. *História literária entre acumulação e resíduo: o eixo Graciliano-Rulfo. Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 12, 2005, p 117.

BRUNEL, Pierre. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1990.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* (Trad. Nilson Moulin). São Paulo: Cia das Letras, 2005.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Venezuela: Reproducciones Gráficas, S.A., 1954.

DACANAL, José Hildebrando. *Realismo Mágico*. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1970.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien años de soledad*. Espana: Printer Industria Gráfica, 2007.

RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.